

APRESENTAÇÃO

Nos países mais desenvolvidos, a participação dos serviços no PIB atinge ou ultrapassa os 70%. A fração dos serviços na distribuição da população ocupada é semelhante ou ligeiramente superior. Assim, nos Estados Unidos ou na Europa poucos ainda contestam a realidade da *terciarização* da economia contemporânea. Discute-se a velocidade e as futuras conseqüências desse processo. Sobretudo, porque ele está se acelerando: nos EUA, o *Occupational Outlook Handbook* do *Bureau of Labor Statistics*, em sua última versão, prevê que, entre 2002 e 2012, 96,3% dos novos postos de trabalho serão criados nos serviços.

Analisando a *terciarização*, a literatura especializada internacional tem chamado a atenção para o fato de que o dinamismo dos serviços não é homogêneo entre os seus diversos segmentos. Certos ramos de serviços se expandem a uma velocidade bem superior à registrada para o conjunto da economia, notadamente no que concerne à geração de empregos. Destacam-se os seguintes segmentos: (1) serviços empresariais e profissionais, especialmente no caso de atividades relacionadas às tecnologias de informação e à pesquisa e desenvolvimento; (2) serviços de saúde; (3) educação; (4) serviços de informação, principalmente aqueles que se expandem com a Internet; (5) entretenimento e turismo; (6) comércio e transporte (logística) e (7) serviços financeiros.

Em razão de seu dinamismo, esses serviços estão entre os setores que devem ser considerados estratégicos para a geração de valor e a criação de empregos nas economias contemporâneas.

Eles tendem a se reconcentrar nas regiões metropolitanas. As metrópoles são cada vez mais os grandes centros de produção de serviços diversificados, especialmente de serviços superiores, dependentes de informação e conhecimento. Elas utilizam serviços para produzir serviços. São centros de comércio nacional e internacional e de atividades de produção imaterial diferenciadas, tanto daquelas destinadas ao consumo pessoal, quanto daquelas que fornecem insumos intangíveis para empresas. São também pólos de educação superior e de produção de arte, cultura e entretenimento. Dessa forma, são ainda centros turísticos e, particularmente, de turismo de eventos ou negócios. Mas não vendem apenas serviços de turismo. Ao comércio de mercadorias se soma um novo comércio de "invisíveis". As metrópoles contemporâneas importam e exportam *software*, moda e pesquisa; exportam e importam música, saúde e engenharia.

Apesar da sua crescente importância, faltam informações para o estudo da evolução dos serviços estratégicos no Brasil. A análise territorial dos serviços com foco no desenvolvimento local, particularmente, enfrenta consideráveis obstáculos, entre os quais a escassez de dados em nível de empresa e estabelecimento, o limitado grau de desagregação dos dados existentes e a ausência de séries históricas baseadas em classificações comparáveis.

As informações sobre a economia de serviços no Brasil continuam sendo produzidas principalmente para os níveis nacional ou estadual (agregados macroeconômicos, Pesquisa Anual de Serviços, etc.). Nos âmbitos metropolitano, municipal ou urbano, os dados existentes limitam-se quase que somente à distribuição do emprego e da ocupação, nos marcos de pesquisas amostrais de base domiciliar (PNAD, PED). Este quadro é paradoxal na medida em que os serviços constituem mais que metade do PIB brasileiro e que estão concentrados nas grandes cidades e, particularmente, nas regiões metropolitanas do país.

A pesquisa sobre as relações entre os novos serviços e as novas metrópoles não pode, contudo, esperar pela produção de novas estatísticas. Ela precisa partir das bases de informação existentes, completando-as com informações setoriais e com o conhecimento já acumulado no país e no exterior.

Neste contexto, Salvador, Recife e Fortaleza são os principais pólos de serviços dinâmicos no Nordeste do Brasil. Isso significa dizer que o futuro da economia dessas metrópoles e sua inserção na hierarquia urbana brasileira e nordestina dependem do avanço local dessa nova *terciarização*. Vale dizer: dependem da ação de uma nova vanguarda de agentes econômicos sob uma nova política de desenvolvimento metropolitano.

É o que justifica a publicação dos textos que se seguem. Os três primeiros artigos tratam da importância estratégica dos serviços superiores para o desenvolvimento metropolitano e da distribuição do novo terciário entre as principais regiões econômicas do país.

O quarto texto destaca a importância da atração e manutenção de sedes sociais, organizações governamentais e centros de decisão de grandes e médias empresas, para o desenvolvimento dos novos serviços nas grandes cidades.

Os cinco últimos trabalhos analisam o peso e o papel decisivo de seis segmentos específicos: ensino superior, serviços tecnológicos, serviços financeiros, transporte aéreo, publicidade e propaganda, turismo de negócios e eventos.

Com esta publicação, a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI – busca fomentar o debate sobre a importância dos serviços estratégicos para a inserção da Bahia na chamada nova economia. Procura ainda chamar a atenção dos *policy makers* e técnicos do Estado para o papel desempenhado por tais serviços como propulsores do desenvolvimento econômico.